

SOMOS ASSIM...

O filho indômito dêste recanto do continente sul-americano, tem oferecido desde os recuados dias do desembarque da gente de Cabral — uma virtude — aceitar o que é bom, traduzido em exemplos e a superar êstes com admirável estoicismo.

Assim, também, desde que se escreveu a história do Brasil, foram gravadas em suas páginas lances de rara intrepidez, retratando os homens da terra.

É interessante lembrar que, entre os complexos problemas para colonizar o país, aquele de se querer escravizar o índio a fim de utilizá-lo às necessidades da civilização foi posto em prática por mais de um século, porém, com resultado sempre negativo.

A verdade comprovada é que falhariam tôdas as providências encetadas desde D. Manoel I e seus sucessores para colonizar a terra de Vera Cruz se não fora o exemplo de bondade e carinho, dado pelos jesuítas.

Dá, enquanto a política dos donatários se impunha ao meio, quase sempre, à base de violência, a dos missionários de Inácio de Loló-la personificados, principalmente, por Anchieta e Nóbrega, se processava de modo bem diverso. Procurava o convívio do gentio, identificava-se com as agruras de seu ambiente. Dava-lhe escola e com êle aprendia a língua tupi, para nesse idioma compor os cânticos e autos sacros que viriam um dia coroar a obra de entequesse dos novos cristãos. Espelha seus abnegados gestos um relato sobre certa visita que o Geral da Companhia fezera a uma das missões de Piratininga. Afirmara-se que, ao ser avistado da aldeia, veio-lhe ao encontro uma procissão de selvagens com um padre à sua frente, todos cantando hinos sacros. Fora uma cena comovente: o sacerdote vestia um hábito rôto e velho, pés descalços e tão humilde pobreza denotava que o Geral, compadecido e respeitoso, beijara-lhe a mão.

O brasileiro primitivo, que não se submetera à violência, se fizera cativo dos exemplos de amor e sacrifício a que assistia na vida rude das tabas. E assim, com a compreensão de um Tupan misericordioso, também, outra se desvendava toska, mas verdadeira: a consciência da nacionalidade. Patentia esta proposição, entre inúmeros fatos, aqueles da audácia de Jerônimo de Albuquerque, da solidariedade do chefe índio Jacauna e os da decisão de Piragibe, o famoso Braço de Peixe, conforme a

narrativa dos nossos historiadores nos capítulos da conquista e expansão geográfica do país.

Tantos exemplos de bravura e amor à terra já ofereceram o ascendente da raça, através mais de quatro séculos! Quantas pérolas já se recolheram em mergulhos fora das correntes, estritamente didáticas, mostrando feitos dessa espécie de homens, que não desmentiu Pedro Vaz de Caminha no seu julgamento de que "esta gente é boa e de boa simplicidade", e de cuja bravura e coragem "Os Sertões" será eterno documento.

Mais um belo exemplo do tronco nativo, aprendemos no "Colégio do Ar" da Rádio Ministério da Educação, no episódio "Corsários", ocorrido durante a guerra contra as Repúblicas Unidas do Prata.

Em síntese, narra o Professor que, em 1826, um corsário argentino atacou Pernambuco, sendo, então, necessária uma ação rápida para defesa e afastamento do perigo. Para tal empresa fez-se ao largo, indo ao seu encontro, o bridge "Cacique" da marinha brasileira, comandado por Mason e tripulado em maioria por elementos estrangeiros assalariados pelo nosso governo.

Aconteceu que no momento do nosso bridge atacar o corsário argentino, os elementos alienígenas da nossa guarnição, em vez de fazer alvo nos adversários, atiravam para o ar, permitindo com êsse gesto a abordagem. E a consequência foi a prisão dos tripulantes do "Cacique", excepto os estrangeiros porque se bandearam para o corsário argentino, procedendo-se, em seguida, à execução dos marinheiros nacionais.

Um fato, porém, naqueles instantes de dolorosa expectativa ia assinalar mais um exemplo de insuperável brasilidade. É que a execução dos nossos patriotas ia sendo procedida pelas próprias mãos do comandante argentino, no tombadilho do "Cacique", onde, alinhados, os foi alvejando um por um até que chegando ao sétimo prisioneiro foi preciso remunciar a arma.

A vítima número oito seria um rapagão de tez bronzeada, compleição atlética, parecendo, concordando com Alberto Rangel, uma herança daqueles sertanistas que faziam "concorrência aos tígres". E de fato, antes que o comandante municiasse a arma outra vez, num salto felino, no meio da tripulação hostil, agarra-se com o cruel carrasco e em rápida capoeiragem o leva para a borda do barco, onde, prendendo-

-o consigo, atira-se ao mar, sendo ambos tragados pelas ondas para nunca mais voltar.

Admirável estoicismo para mostrar que somos assim...

JOÃO ALVES PEREIRA

(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha" e aluno da 3ª. série do Curso Clássico do Colégio Estadual "Regente Feijó").